

VONTADE DE VERDADE – O APAGAMENTO DAS MARCAS DE SUBJETIVIDADE NO DISCURSO CIENTÍFICO

WILL OF TRUTH – THE CONCEALMENT OF THE SUBJECTIVITY MARKS IN THE SCIENTIFIC DISCOURSE

Anderson Nowogrodzski da Silva (UnB)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo refletir, a partir da noção de Vontade de Verdade, o modo como o discurso científico tenta apagar regularmente as marcas de subjetividade da estrutura léxico-gramatical dos enunciados, a fim de estabelecer uma perspectiva como absoluta. A partir de uma abordagem qualitativa, constituiu-se uma pesquisa exploratória, utilizando o método hipotético-dedutivo, descrevendo, analisando e interpretando um resumo de artigo científico enquanto materialidade representativa dos enunciados reproduzidos pelo discurso científico. Dessa forma, foi possível olhar para a estrutura linguística desse gênero discursivo, relacionando-o à estrutura social. Almejou-se uma análise minuciosa de um texto curto em detrimento de uma análise breve sobre um corpus extensivo. Para tanto, foram utilizados como parte do esteio teórico-metodológico: Couto (2007, 2016), constituindo o pano de fundo para a realização do trabalho, por meio da epistemologia da Ecolinguística; Halliday e Matthiessen (2014), contribuindo para a análise e descrição do corpus por meio da Gramática Sistemico-funcional; Nietzsche (2006), sustentando a discussão com sua filosofia representada pelo conceito de Vontade de Verdade; e Foucault (1995), dando suporte em relação à noção de Subjetividade. O discurso científico tende a apagar o falante enquanto indivíduo, em função de legitimar a objetividade e a cientificidade do dizer, objetivando sobrepor, conseqüentemente, a subjetividade de quem diz, atribuindo a uma entidade maior (a perspectiva teórico-epistemológica) a autoria do enunciado.

Palavras-chave: Ecolinguística. Vontade de verdade. Discurso científico. Subjetividade

ABSTRACT: The purpose of this article is to reflect, from the Will of Truth notion, the way in which the scientific discourse erases the subjectivity marks in the lexical-grammatical structure of the enunciation, in order to establish a perspective as the absolutely truth. Starting from a qualitative approach, we developed an exploratory research, using the hypothetical-deductive method, aiming to describe, to analyze and to interpret a scientific article abstract as representative materiality of the enunciations reproduced by the scientific discourse. In this way, we look at the linguistic structure of the discursive genre, relating it to the social structure. We aimed a deep analysis of a short text rather than a shallow analysis of an extensive corpus. For this purpose, we used as part of the theoretical-methodological mainstay: Couto (2007, 2016), in order to use the ecolinguistic epistemology; Halliday e Matthiessen (2014), contributing to the analysis and the description of the corpus through the functional grammar; Nietzsche (2006), supporting the discussion based on the Will of Truth concept; and Foucault (1995), contributing with the subjectivity concept. The scientific discourse, regularly, try to erase the speaker as an individual, in order to legitimize the objectivity in the enunciation and the science status of absolutely truth, aiming to superimpose, consequently, the individual

subjectivity, attributing to a larger entity (some theoretical-epistemological perspective) the enunciation authorship.

Keywords: Ecolinguistic. Will of truth. Scientific Discourse. Subjectivity.

Considerações Iniciais

O presente trabalho é fruto de algumas observações sobre a interação comunicativa e sua propriedade dialógica na produção da subjetividade. Refletindo sobre os modos como os dizeres se estruturam léxico-gramaticalmente para produzir sentido em gêneros do discurso específicos, formulou-se uma indagação: “Como o discurso científico, ao apagar as marcas de subjetividade dos enunciados, produz valores de verdade?”. Pensando nisso, procurou-se discutir o modo como os discursos científicos, materializados no gênero discursivo “resumo de artigo científico”, demarcam a posição do falante (sujeito) em relação à do leitor em razão da produção de valores de verdade.

Para tanto, utilizou-se como aparato teórico-metodológico a **Linguística Sistêmico-Funcional**, de Halliday e Matthiessen (2014), a fim de descrever a relação entre as estruturas léxico-gramaticais e os significados que elas produzem em determinado contexto de interação comunicativa, possibilitando analisar as representações que se evidenciam na materialidade textual. Além disso, utiliza-se a **Ecolinguística**,

elaborada por Couto (2007, 2016), como base teórico-epistemológica para a análise dos dados resultantes da descrição, observando as regras interacionais e as características específicas dos enunciados que reproduzem o discurso científico. Para entender a dinâmica da produção de verdades, buscou-se, como parte do aporte epistemológico, a filosofia de Nietzsche (1998) representada pelo conceito de **Vontade de Verdade** como resultante (uma forma de expressão) da Vontade de Potência. Aliada à essa noção, utilizou-se o conceito de **Subjetividade**, de Foucault (1995), complementando a visão perspectivista de Nietzsche.

O corpus de análise é um resumo de artigo científico que foi coletado da Revista eletrônica semestral PERcursos Linguísticos, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e se intitula “A intertextualidade e a ironia no gênero charge”.

Sabe-se que olhar para a linguagem não é uma tarefa fácil, pensa-se que há uma complexidade inerente à interação comunicativa, na medida em que as formas como ela se apresenta e suas características variam em diferentes

aspectos, principalmente quando o alvo que se investiga é a representação do falante enquanto indivíduo delineado em seu próprio dizer. Propondo-se analisar todo e qualquer tipo de texto, a Ecolinguística não tem como foco apenas a variedade estatal (norma “cult”), mas faz questão de olhar para as variedades da língua e a produção cotidiana das materialidades. Em razão disso, buscou-se analisar um texto que não estivesse completamente alinhado às regras da gramática normativa/prescritiva, mas que refletisse, em sua diversidade, uma possibilidade de realização linguística dentro do gênero textual “resumo de artigo científico”, sendo, portanto, um exemplo representativo desses “tipos relativamente estáveis de enunciados, constituídos historicamente, e que mantêm uma relação direta com a dimensão social”, como assegura Bakhtin (1992, p. 117).

1 Ecolinguística: Perspectiva Teórico-epistemológica

A Ecolinguística é descrita por Couto (2016), precursor dessa teoria no Brasil, como o estudo que relaciona língua e meio-ambiente por meio de uma perspectiva que é acima de tudo ecológica, buscando, nas interações,

observar a manifestação da comunicação, olhando para a língua em relação às comunidades de falantes, pois há uma pressuposição recíproca entre o existir-vida-humana e o existir-língua (interação). Partindo desse modo de olhar que prima pela harmonização constante das relações, pensa-se na língua como o conjunto das interações, uma teia que se edifica no contato interpessoal e, como assegura Couto (2007), nasce, cresce e morre na interação com o outro.

Haugen (2016) traz à tona o foco dos estudos ecolinguísticos, evidenciando a interação como a base de toda produção comunicativa num ecossistema linguístico, já que a língua não se configura como organismo ou coisa, mas um elemento decorrente da interação em si. Portanto, procura-se entender e descrever as características das interações comunicativas, buscando evidenciar de que modo elas ocorrem.

Funda-se, dessa forma, uma teoria que é, antes de tudo, ecológica, ou seja, um estudo ecossistêmico (que envolve as relações organismo-organismo e organismo-mundo) das interações comunicativas. Pensando nisso, afirma-se que a Ecologia Linguística é o olhar holístico do pesquisador, na medida em que envolve diferentes níveis da composição vital (corporeidade,

psiquismo e sociedade), sobre um recorte específico das condições de existência das interações (suas características materiais, psicológicas e sociais), ou seja, de todos os elementos que permitem sua emergência em dado momento e espaço. Tais condições são, portanto, elementos fundamentais para entender o modo como a vida se desenvolve e se transforma em um território, nas relações de uma população de indivíduos e, no caso dos seres humanos, na língua, que, junto aos falantes, está em constante *devir*.

Existem várias formas de interagir comunicativamente, dentre elas, destaca-se a escrita (interação comunicativa potencial) como um meio indireto de abordar o interlocutor, na medida em que se mobilizam regras interacionais diferentes daquelas que são regulares na interação face a face (direta). As regras interacionais, para Couto (2016), são formas por meio das quais os indivíduos interagem, caracterizando suas ações num espaço de comunicação, podendo corresponder a expressões, gestos, proximidade, entonação, uso de certos itens lexicais em detrimento de outros etc.

2 Metodologia

A pesquisa que se desenvolve aqui se configura como um trabalho inserido no paradigma qualitativo, segundo o qual se

busca coletar dados representativos dos enunciados que se propõe analisar. De acordo com Celani (2004), esse paradigma possui natureza interpretativista e se fundamenta nas relações entre sujeitos, almejando alcançar o conhecimento por meio da diversidade de realidades impressas na sociedade. Lankshear e Knobel (2008) afirmam que, para a interpretação do mundo, é preciso olhar para o contexto como o conjunto de elementos que tornou possível a irrupção de determinado acontecimento.

Precisa-se olhar para os dados inseridos em uma dada realidade, observar sua exterioridade, buscando alcançar, por meio das regularidades, valores de verdade que validem a interpretação, levando em consideração a relação existente entre a pesquisa e o olhar do pesquisador. Sandín Esteban (2010) corrobora para essa afirmação ao fazer referência a uma crise de representação existente na pesquisa qualitativa, em que não há possibilidade de traçar a imagem de uma realidade absoluta. Sendo assim, centra-se na visão de que as verdades são multifacetadas, plurais e resultados de construções sociais. A interpretação é um fator essencial para este estudo.

O estudo desenvolvido pode ser classificado como uma pesquisa exploratória, em que, segundo Moreira e

Caleffe (2008), pretende-se discutir conceitos e ideias, com olhos para a reflexibilidade. Há de se ressaltar que o método da abordagem, hipotético-dedutivo, será utilizado como base para o desenvolvimento do trabalho, buscando comprovações por meio de marcas linguísticas. Pensando nisso, traça-se um paralelo com os objetivos propostos, em que a desconstrução de estereótipos é um dos focos, almejando proporcionar um novo olhar para a história dos conceitos e, por isso, busca-se engendrar uma pesquisa não-experimental. Atribui-se, assim, uma direção científica para a pesquisa, inserindo-a nos Estudos Linguísticos.

Como corpus de análise, selecionou-se um resumo de artigo científico, retirado da revista PERCursos Linguísticos, do ano de 2017, intitulado “A intertextualidade e a ironia no gênero charge”. Esse enunciado foi escolhido por ser um tipo de texto reproduzido regularmente pelo discurso científico e por possuir desvios em relação à gramática prescritiva, evidenciando a possibilidade de analisar qualquer tipo de materialidade linguístico-discursiva. Não se propõe um estudo exaustivo, mas representativo, por isso, preza-se pela profundidade da análise em detrimento da extensão do corpus analisado.

A fim de descrever e analisar os dados, utilizou-se a Linguística Sistêmico-funcional (LSF) de Halliday, mobilizando: o sistema de transitividade (metafunção ideacional); o sistema de MODO/modalidade (metafunção interpessoal); e o sistema de Tema/Rema (metafunção textual).

Após a descrição e análise dos dados à luz da teoria de Halliday, interpretaram-se os resultados por meio dos conceitos de Vontade de Verdade, de Nietzsche, e Subjetividade, de Foucault, estando subjacentes ao pano de fundo da Ecolinguística, como concebida por Couto.

Por ser um trabalho desenvolvido no campo da Ecolinguística, é preciso descrever as regras interacionais que subjazem a um determinado tipo de interação comunicativa (face a face, virtual, potencial). Essa descrição possibilita o delineamento do cenário em que se projeta uma ecologia da interação comunicativa (EIC), enquanto uma teia de relações que dá vida à comunicação entre interactantes.

As regras interacionais mobilizadas numa interação por meio da escrita, como é o caso do texto analisado, distanciam-se do que é o padrão comunicacional da interação face a face, na medida em que os falantes não se encontram no mesmo espaço, mas num

território que é somente potencial. Nesse caso, o ecossistema necessariamente muda, criando um ambiente de pressuposição dos interlocutores.

A comunicação potencial se caracteriza, portanto, pelas produções linguísticas efetivadas em relação a interlocutores pressupostos, como livros e filmes, que não se constituem como ato até que sejam acessadas e compreendidas, efetivando a comunicação. Ninguém comunica para si. É preciso do outro para que haja o diálogo, para que a comunicação se estabeleça.

3 Análise e Resultados

O texto a ser analisado é um resumo de artigo científico intitulado “A intertextualidade e a ironia no gênero charge” e foi retirado do periódico semestral PERcursos Linguísticos, do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo, em sua edição do segundo semestre do ano de 2017. Um olhar prévio permite dizer que o texto versa sobre a correlação entre o gênero textual charge, a ironia, a intertextualidade e a relação entre imagem e texto, chegando à conclusão de que a escrita é o ponto mais relevante para a apreensão do sentido da charge. Porém, o conteúdo do enunciado não é o foco deste trabalho. Busca-se entender, acima de tudo, o modo como o discurso

científico, ao organizar estruturas léxico-gramaticais que apagam as marcas de subjetividade do texto, busca se estabelecer como verdade absoluta, alicerçando-se no rigor científico e na supressão do papel do falante para construir valores de verdade.

Partindo dessa contextualização do suporte de distribuição do texto e do conteúdo, é preciso entender os postulados de Halliday e Matthiessen (2014) acerca da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Como um todo de conectar aspectos sociais à análise gramatical, a LSF permite um olhar mais abrangente. Desse modo, torna-se possível relacionar a mobilidade discursiva à organização léxico-gramatical do enunciado, permitindo desvelar os sentidos que permeiam o texto de forma sistemática. Forma e significado se pressupõem na construção dos enunciados.

Halliday e Matthiessen (2014) pensam no texto como a materialização, a dinâmica, da linguagem dentro de dado contexto. Parte-se, portanto, para a instância da oração, em razão de tentar entender de que forma a estrutura linguística e a estrutura social se correlacionam na produção de sentidos, sendo todas as variações paradigmáticas das categorias de palavras relevantes para a sua

expressão, já que a oração é tomada como um todo significativo.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014), dentro da oração existem três alicerces que permitem produzir sentidos na interação entre falante e ouvinte, organizando estrutural e semanticamente o texto, essas três bases são chamadas de metafunções. São elas: metafunção ideacional (representação linguística da experiência), metafunção interpessoal (expressão das posições tomadas no texto pelos interactantes) e metafunção textual (organização do texto como mensagem).

O sistema de transitividade se configura, por meio da metafunção ideacional, enquanto uma forma de transpor as experiências da vida para o plano dos sentidos por meio da língua e suas sequências de elementos. O centro dessa descrição é, portanto, a oração, enquanto um encadeamento que permite expressar processos. O sistema de transitividade se constitui, assim, por meio de processos relacionados intimamente aos participantes e às circunstâncias de uma experiência. Apesar de ser um sistema gramatical, o sistema de transitividade não isola as partes da oração para analisá-la e classificá-la, é preciso olhar para o sentido que emerge do texto como um todo, a fim de perceber que tipos de processos se desenvolvem e quais os

tipos de participantes e circunstâncias associados a eles.

Os processos, de acordo com Fuzer e Cabral (2014), podem ser divididos em três grandes grupos: material, mental e relacional. Além disso, eles podem se dividir em três subgrupos: verbal, comportamental e existencial. Essas classes de processos permitem a descrição das orações, dividindo-as em função de seu sentido e possibilitando categorizar os participantes, que são diferentes, a depender do processo ao qual se associam. Essa dinâmica de análise se justifica em razão de a Gramática Sistêmico-Funcional perceber a linguagem enquanto sistema sociossemiótico, em que as experiências se associam à produção dos sentidos na interação. Dessa forma, demonstra-se de que modo uma estrutura linguística significa.

O sistema de MODO/modalidade realiza léxico-gramaticalmente, a metafunção interpessoal, tomando a linguagem como troca, ou seja, a relação entre falante e ouvinte. Segundo Fuzer e Cabral (2014), a interação é a base para o estabelecimento de relações de poder, produção de identidades e posições sociais. Olha-se, portanto, para o modo como as orações são estruturadas na interação comunicativa, a partir do princípio de que elas têm como base

trocar informações ou bens e serviços (funções da fala), regulando e negociando a interação. Essa estrutura permite a constituição dos papéis fundamentais da fala “dar e solicitar”.

Fuzer e Cabral (2014) afirmam que é preciso verificar, no sistema de MODO/modalidade os recursos de polaridade e modalidade e os modos como as orações se estruturam com a finalidade de interpelar o outro. Assemelhando-se à lógica bakhtiniana, Halliday e Matthiessen (2014) afirmam que a fala é uma troca constante, não uma via de mão única, em que os atos de dar e receber se pressupõem reciprocamente.

De acordo com Fuzer e Cabral (2014), quando, na interação, são trocas informações, constitui-se uma “proposição” (declaração e pergunta), enquanto, as trocas de bens e serviços são denominadas “propostas” (oferta e comando). Essas solicitações ao ouvinte, geralmente, são passíveis de resposta e podem ser respondidas positiva ou negativamente. O sistema de MODO realiza no nível léxico-gramatical as propostas e as proposições, que se dividem em duas estruturas: “Modo” e

“Resíduo”. O Modo é formado por Sujeito (grupo nominal que pode ser retomado no texto ou omitido) e Finito (marca tempo, modalidade¹ e polaridade²). O Resíduo, por outro lado, é o que sobra da oração depois de serem identificados o Sujeito e o Finito, podendo ser predicadores, complementos ou adjuntos.

Por último, Fuzer e Cabral (2014) descrevem o sistema de Tema/Rema, na realização da metafunção textual, enquanto um modo de organizar os sentidos experienciais e interpessoais mobilizados num todo estruturado e coerente. Produz-se, portanto, a mensagem enquanto forma de utilizar um conjunto de elementos léxico-gramaticais para que o outro possa compreender o que se diz, podendo ser mais espontânea, ou mais elaborada.

Fuzer e Cabral (2014) dizem que a informação se organiza numa relação entre “dado e novo”, em que o dado se refere a um saber constituído no imaginário do ouvinte, sendo retomado como forma de produzir coerência na mensagem, enquanto o novo faz com que a mensagem flua e adiciona informações ao dado. A estrutura temática, por outro

¹ A modalidade expressa graus em relação ao posicionamento tomado pelo falante, que pode usar recursos linguísticos para criar pontos intermediários entre os polos positivo e negativo.

² Está no âmbito da escolha entre positivo e negativo, afirmação e negação.

lado, permite olhar para as orações distribuídas no corpo do texto e entender os fluxos de informações, o desenvolvimento do pensamento do falante. Essa estrutura se divide em Tema e Rema, em que o Tema remete ao ponto de partida do enunciado, o lugar de evidência da oração, seu início, que pode ser ocupado por estruturas linguísticas que liguem orações, reiterar certos itens lexicais, contextualizar o restante da oração, enquanto o Rema seria o desenvolvimento do Tema, seu fluxo natural. O Tema pode ser composto: por elementos experienciais (tema tópico), portanto, pode ser constituído por participantes, processos ou circunstâncias; por elementos interpessoais (tema interpessoal), que se relacionam aos elementos que evidenciam a relação entre falante e ouvinte; ou por elementos textuais (tema textual), que viabilizam a progressão do texto, sua coesão e coerência. O tema pode ser marcado ou não marcado, a depender do tipo de elemento experiencial que o representa.

A fim de iniciar a análise, observa-se que, representando graficamente os resultados obtidos na descrição do corpus, por meio da figura 1, é possível perceber a predominância dos processos mentais cognitivos, com sete ocorrências no decorrer do texto, enquanto os

processos relacionais e verbais totalizaram três ocorrências, cada. Esses dados contribuem para notar a regularidade de sentidos que emergem do texto. O fato de não existirem processos materiais, comportamentais e existências em toda a sua extensão denota a predominância de uma perspectiva idealista, o que possibilita dizer que o texto disserta sobre uma abstração da realidade concreta, estando num plano de discussão de conceitos imateriais. Produz-se, assim uma metafísica do saber, em detrimento de o gênero discursivo possibilitar uma discussão perspectiva da realidade num ambiente que cria um manto ilusório para descrever seus aspectos. O discurso científico se elabora, dessa forma, como um conjunto de imagens mobilizadas e regularizadas enquanto símbolos semânticos, que dinamizam as relações de saber e poder e permitem dizer se, no plano das ideias, algo é verdadeiro ou falso, afirmando ou refutando posições.

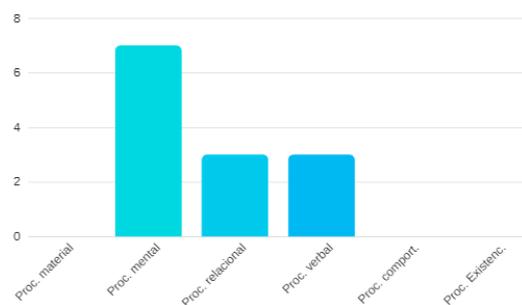


Figura 1: Processos no *corpus*

Em busca de entender as características da interação comunicativa potencial (interação em que o ouvinte é pressuposto pelo falante, mas não se completa no momento do dizer, como filmes e livros), é preciso observar que o texto analisado versa sobre um assunto de interesse de estudantes de linguística (de graduação ou pós-graduação) e que se direciona a eles em razão da temática e da orientação do próprio periódico, que legitima o que está dito no resumo por meio da inclusão do texto em seu índice. Configura-se portanto, um interlocutor pressuposto que não é marcado no próprio texto, como se pode atestar na descrição das orações (que se encontram nos anexos), em que não aparece em nenhum momento um segundo participante a quem se direciona o falante. Essa ausência de direcionamento não significa que o texto seja monológico, ou que o falante produza para si, mas que o gênero discursivo permite apagar o leitor/ouvinte com a finalidade de constituir um valor de verdade na medida em que estruturalmente não referencia o interlocutor, como se não estivesse aberto a uma possível resposta, como se fosse fechado e irrefutável. Outra característica que contribui para essa proposição é a ausência de elementos modalizadores no texto, indicando

sempre uma certeza em relação ao que se diz. Fuzer e Cabral (2014) corroboram para a ideia de fechamento do diálogo, ao afirmarem que os modalizadores permitem a abertura de espaço para que o ouvinte expresse uma opinião, na medida em que modalizar é dizer algo que se estabeleça em pontos intermediários entre polos de certezas extremas. Para Bakhtin (1992), essa visão não é uma barreira para o dialogismo, mas uma característica própria do gênero textual, um modo de comunicar que, dialogando com outros dizeres e com um leitor que é responsivo ativo, apaga as marcas dos interlocutores, mas mantém a teia de relações discursivas que se constitui na estrutura social.

É necessário ressaltar a forma do texto, que é constituído por parágrafo único, curto, contendo a função de explicitar ao interlocutor do que se trata o artigo que vem em sequência, atraindo-o.

Essas características do texto estão associadas ao gênero textual em que ele se enquadra (resumo de artigo científico), no qual, regularmente, impessoalizam-se os interactantes. As regras interacionais mobilizadas pelos falantes nesse afastamento entre autor e leitor podem ser mais bem evidenciadas com base na descrição feita com a utilização da descrição e análise

suportadas pela Gramática Sistêmico-funcional de Halliday e Matthiessen (2014).

Olhando para o sistema de transitividade, observa-se, no texto, a necessidade de legitimar o uso dos conceitos “ironia” e “intertextualidade”, utilizando processos relacionais intensivo atributivos nas orações 4 e 5 para ressaltar a sua importância como elementos linguísticos

que devem ser analisados, explicando seus atributos para que leitor possa entender do que se fala. O mesmo ocorre na oração 11, quando a ironia é classificada como um elemento de difícil expressão em meios não-verbais. O texto defende, assim, a posição de que o uso de texto não-verbal dificulta a interpretação do leitor, a menos que haja o apoio de texto verbal.

4	A primeira [intertextualidade]	Porque este	É	Um elemento fundamental	Para a construção do discurso chágico.
	Portador		Processo relacional intensivo atributivo	Atributo	Circunstância de causa (finalidade)

5	A segunda [ironia]	Porque este	É	Um recurso considerável	Para instigar a crítica a um fato atual dentro do contexto social no qual ocorre.
	Portador		Processo relacional intensivo atributivo	Atributo	Circunstância de causa (finalidade)

11	E esta [a ironia]	É	Muito menos perceptível		Quando a charge associa texto verbal e texto não-verbal.
----	-------------------	---	-------------------------	--	--

VONTADE DE VERDADE – O APAGAMENTO DAS MARCAS DE SUBJETIVIDADE NO DISCURSO CIENTÍFICO

	Portador	Processo Relacional intensivo atributivo	Atributo	Circunstância de Localização (tempo)
--	----------	--	----------	--------------------------------------

Os processos verbais e os processos mentais cognitivos possuem uma característica em comum que deve ser levada em consideração. Ambos demandam um falante consciente por detrás da ação (dizer e pensar, respectivamente). Por isso, são os processos mais relevantes nesta análise.

Percebe-se que o participante consciente

da ação é apagado por meio do uso de metonímias e clíticos, como é possível verificar na oração 1, em que “o artigo” parece ter surgido de forma espontânea e não por meio da escrita de um autor, dessa forma, eliminam-se as marcas da subjetividade por meio do uso do sujeito indeterminado e da voz passiva.

1	O presente artigo	Desenvolveu-se	A partir do estudo do gênero charge.
	Verbiagem	Processo verbal	Circunstância de modo (meio)

As orações 2, 6, 7 e 9 também se utiliza o sujeito indeterminado para apagar as marcas do falante, enquanto nas orações 12 e 13 utiliza-se um sujeito genérico para se referir a um terceiro (o leitor). As circunstâncias de ângulo (fonte),

marcadas nas orações 6 e 7 refletem o uso de nomes de pesquisadores reconhecidos para dar força ao que se diz, coadunando a posição do falante em relação ao seu dizer, validando-o e aumentando seu valor de verdade.

2	Para tanto,	Analisou-se	A interpretação de charges por 25 professores de escolas públicas de Fortaleza
		Processo mental cognitivo	Fenômeno

6	Analisou-se	A intertextualidade	Com base em níveis e técnicas criados por Bazerman (2006);
---	-------------	---------------------	--

	Processo mental cognitivo	Fenômeno	Circunstância de ângulo (fonte)
--	---------------------------	----------	---------------------------------

7	E [analisou-se]	A ironia	com base nos estudos de Brait (2008),	{que concebe este recurso linguístico como um fenômeno polifônico.}
	Processo mental cognitivo	Fenômeno	Circunstância de ângulo (fonte)	

9	Após a análise do corpus,	constatou-se	que os elementos intertextuais participam da construção do sentido em charge,
	Circunstância de Localização (tempo)	Processo mental cognitivo	Fenômeno

12	O leitor	Se apoia	Mais nas pistas do texto verbal	Para interpretar o contexto chágico
	Experienciador	Processo mental cognitivo	Fenômeno	Circunstância de causa (finalidade)

13	E dificilmente	[o leitor]	Compreende	A mensagem	Somente apoiando-se no desenho
		Experienciador	Processo mental cognitivo	Fenômeno	

Por último, as orações 1 e 8 trazem o uso da metonímia como uma forma de associar conceitos por meio da inferência, sendo um recurso estilístico que é muito mais discreto do que a

metáfora, na medida em que ao ocultar um elemento da oração provoca um efeito de afastamento entre os interactantes, distanciando-os e gerando a impressão de que o conteúdo do texto

VONTADE DE VERDADE – O APAGAMENTO DAS MARCAS DE SUBJETIVIDADE NO DISCURSO CIENTÍFICO

possui um teor científico, produzindo valor de verdade e rigor, na medida em que regularmente, dissocia-se a ciência da subjetividade, buscando objetivar os dizeres, atribuindo-os a uma entidade maior, que seria a própria perspectiva da qual se fala. Quem diz, portanto, não é apenas o autor, mas toda a comunidade

científica que compartilha sua perspectiva teórico-epistemológica. Os clíticos, em união às metonímias provocam um contínuo desse efeito, pois aparecem como formas de excluir a necessidade de deixar evidente quem é o agente da oração, dando forma a um sujeito indeterminado.

1	O presente artigo	Desenvolveu-se	A partir do estudo do gênero charge.
	Verbiagem	Processo verbal	Circunstância de modo (meio)

8	O trabalho	Investiga	se {para construir sentido na interpretação da charge e se para entender sua crítica} é necessário que haja uma correlação direta entre a compreensão da intertextualidade e da ironia.
	Experienciador	Processo mental cognitivo	Fenômeno – oração projetada

Couto (2012), ao tentar entender a relação entre língua e meio ambiente, faz a diferenciação entre processos onomasiológicos e semasiológicos. Os processos onomasiológicos se dão na relação entre homem e meio ambiente, em que o homem representa linguisticamente as materialidades que o cercam, podendo, assim, falar sobre o mundo. Por outro lado, há uma necessidade de falar sobre aquilo que é imaterial. Dessa forma, o processo semasiológico representa a relação entre

os indivíduos, em que a linguagem ganha formas metafóricas, podendo falar do mundo das ideias por meio de recursos linguísticos. O uso da metonímia possibilita, dessa forma, tanto quanto a metáfora, criar uma metafísica da ciência, em que o autor se exclui em razão de atribuir valor de verdade ao seu dizer, que é marcado por uma entidade abstrata que diz sem se apresentar, uma voz genérica que o torna parte de um todo maior. A exclusão do falante de seu texto produz valor de verdade por ser

tomado como algo inacessível, imutável, intangível. O mundo das ideias e as produções intelectuais, acadêmicas, são imaculados no sentido de não se poder negociar a verdade diretamente com eles. O processo de responsividade demanda outra produção dentro do mesmo gênero, utilizando o mesmo tipo relativamente estável de enunciado. O autor do texto é identificado somente ao início da produção, o que não é necessariamente regra, já que alguns trabalhos utilizam a primeira pessoa do plural e, alguns poucos, a primeira pessoa do singular. Essa visão de apagamento de si para a legitimação de um valor de verdade está historicamente arraigada ao positivismo, ao sistema capitalista, e ao tecnicismo. Essas perspectivas trazem a ideia de eliminação das subjetividades e objetivação das individualidades, dessa forma o autor se torna parte de um todo

que é um campo metafísico de uma ciência que se produz e reproduz a todo tempo, funcionando como uma indústria ideal.

Numa mudança de foco, ao olhar para o sistema de MODO/modalidade, percebe-se que os sujeitos, quando marcados na estrutura do texto, não são os próprios interactantes, mas elementos do texto, como é possível verificar na oração 1. Outro aspecto interessante pode ser notado no Finito, que, no decorrer do texto, marca o tempo no pretérito perfeito, indicando um evento que passou e está concluído, que não pode ser alterado, como se verifica na oração 2 ou no presente do indicativo, que expressa algo como verdadeiro no atual momento, utilizando sempre uma polaridade positiva ou negativa, nunca modalizando, como se evidencia nas orações 10 e 11.

1	O presente artigo	Desenvolveu-se		A partir do estudo do gênero charge.
	Sujeito	Pret. Perf.	Desenvolver (Predicador)	Adjunto (modo)
	Sujeito	Finito	Resíduo	
	Modo		Resíduo	

2	Para tanto,	Analisou-se	A interpretação de charges por 25 professores	De escolas públicas de Fortaleza,
---	-------------	-------------	---	-----------------------------------

VONTADE DE VERDADE – O APAGAMENTO DAS MARCAS DE SUBJETIVIDADE NO DISCURSO CIENTÍFICO

		Pret. Perf.	Analisar (Predicador)	Complemento	Adjunto (espaço)
		Finito	Resíduo		
		Modo	Resíduo		

10	Mas	Não	[os elementos intertextuais]	Garantem		O entendimento da ironia,
		Polaridade Negativa	Sujeito	Pres. Ind.	Garantir (Predicador)	Complemento
			Sujeito	Finito	Resíduo	
		Modo			Resíduo	

11	E esta [a ironia]	É		Muito menos perceptível	Quando a charge associa texto verbal e texto não-verbal.	
	Sujeito	Pres. Ind.	Ser (Predicador)	Adjunto (modo)	Adjunto (tempo)	
	Sujeito	Finito	Resíduo			
	Modo		Resíduo			

Por último, ao olhar para o texto a partir do sistema de Tema/Rema, observa-se a predominância de temas não marcados, que segundo Fuzer e Cabral (2014), facilitam a compreensão do texto, deixando o referente mais evidente. A ironia e a intertextualidade são

elementos retomados a todo o tempo como temas tópicos das orações, sendo, portanto, o centro de interesse do texto, ao redor do qual se estabelecem novas informações e se desenvolve o fluxo textual, como é possível notar nas orações 4 e 5.

4	A primeira [intertextualidade]	Porque este é um elemento fundamental para a construção do discurso chágico.				
	Tema tópico não marcado	Rema				

5	A segunda [ironia]	Porque este é um recurso considerável para instigar a crítica a um fato atual dentro do contexto social no qual ocorre.
	Tema tópico não marcado	Rema

Apesar de a estrutura Tema/Rema permitir estabelecer o ponto de vista de quem fala, esse texto, em específico, ao eliminar o falante da estrutura léxico-gramatical, transfere a responsabilidade do que se diz para a base teórico-epistemológica do estudo e para os autores citados como ferramentas de validação do dizer. Busca-se, dessa forma, neutralizar o posicionamento do falante para dar forma a uma verdade metafísica.

4 Discussão

Para Aristóteles (2002), a noção de potência é a possibilidade de existência, aquilo que não é, ainda, concreto, mas que poderá vir a ser. A interação por meio de textos escritos é potencial porque se estabelece entre indivíduos que não ocupam o mesmo território físico. Os corpos estão excluídos da interação, permitindo que se excluam as marcas que remetem à subjetividade dos sujeitos, objetivando-os ao transmitir a informação sem demarcar quem a transmite.

Não se desconsidera a existência da potência em tudo que é natural e concreto. De acordo com Nietzsche

(2001), ela existe e em tudo está presente. No ovo há, potencialmente, a galinha, na semente, a planta, no barro, o tijolo. Todo ato no cosmos resulta de movimento e mudança e, por isso, pressupõe **potência**, como motor do devir ininterrupto. Porém, o contrário não procede, na medida em que, nem toda potência se realiza em ato, por isso, a potência é amplamente “possibilidade”. A **comunicação potencial**, ou seja, as produções linguísticas efetivadas fisicamente, como livros e filmes, não se constituem como ato até que sejam acessadas por um interlocutor e compreendidas por ele, efetivando a comunicação. Ninguém comunica para si. É preciso do outro para que haja o diálogo, para que a comunicação se estabeleça como dialógica.

Os seres humanos se associam para a produção de uma trama linguística que sustenta os modos de ver o mundo, ou seja, as diferentes perspectivas que são formadas em redes de relações e que, por sua vez, se sobrepõem em um ambiente perspectivista, como propõe Nietzsche (2006). A sobreposição dessas redes

provoca embates culturais, psíquicos e biológicos que produzem a mudança, a transformação. Assegura-se, dessa forma, que a base dos ciclos que permeiam a natureza, como dito em Nietzsche (2001), em sua generalidade, é a propriedade que o cosmos tem de mudar constantemente. Ou seja, o devir é a propriedade ontológica do universo. Portanto, tomam-se como princípios os nós que o próprio sujeito faz aparecer a partir de um recorte perspectivo, assumindo a postura de que não há origem ou fim, em razão de não haver um ponto de partida para a rede aqui descrita, nem um limite que a encerre, mas um contínuo de relações e mudanças. Nesse contínuo de mudanças, estabelecem-se algumas verdades, que são, porém, passíveis de mudança. Essas mudanças decorrem de uma pulsão própria do ser, a vontade de verdade, que leva uma trama discursiva complexa, como assegura Foucault (1995), a criar diferentes estratégias e dispositivos a fim de estabelecer uma perspectiva como verdade absoluta, subjetivando e objetivando os sujeitos, como é possível perceber nos discursos da ciência, das religiões, da moral e da justiça.

Há tempos, a humanidade se vê engendrada por discursos que reduzem o que é certo e o que é errado a uma dialética maniqueísta, generalizando, desde a filosofia grega até a doutrina cristã, no que diz respeito à relação entre bem e mal, positivo e negativo, superior e inferior. Porém, a pós-modernidade traz consigo uma conjuntura que ressalta a existência das complexidades, evidenciando-se a multiplicação das microestruturas que compõem a teia social, desestruturando e fazendo aparecer dispositivos de controle moral³ (como a justiça, a religião e a educação), atuando como formas de preservar os valores vigentes e as verdades fins. Visualiza-se, assim, pautando-se em Foucault (2000), o mundo a partir da atualidade do saber, de forma perspectiva, fala-se de um lugar e um tempo determinados. Nascimento (1998, p. 42) demonstra que a verdade, vista como fim, produz a aparente necessidade de conservar valores por meio de ações práticas. Tratando-se de uma visão nietzschiana das formas de interpretar, precisa-se entender que o valor de verdade está intrinsecamente atrelado ao pensamento, daí a pertinência de, nas reproduções do discurso científico,

³ Os dispositivos de controle moral se constituem na relação entre o discursivo e o não-discursivo, na medida em que se formam por meio de

práticas discursivas, instituições, enunciados, etc., resultando de uma teia estratégica que regulamenta as ações práticas.

predominar processos mentais cognitivos e criar-se uma metafísica das proposições.

Ao pensar na Vontade de Verdade, pensa-se na relação de forças estabelecida entre perspectivas. Pensar relações de força, segundo Lingis (2003, p. 12), implica na reflexão sobre o modo como certos impulsos entram em conflito e criam interpretações, valores. Para Itaparica (2010, p. 240), “o mundo compreendido como vontade de potência consiste em centros de forças em relações antagônicas.” Dessa forma, cria-se um complexo de vontades em constante embate, não entendidas como formas autônomas, mas como força efetivada que está constantemente em busca de se intensificar. Não se fala aqui de coisas ou pessoas, mas de formas de interpretar dominantes e dominadas. Dessa forma, compreende-se Vontade de Verdade como o embate entre forças interpretativas. De acordo com Itaparica (2010, p. 241), a interpretação, para Nietzsche, é o modo como se criam os sentidos, relacionando diferentes formas de ver e constituindo as diferentes perspectivas. Sendo assim, pode-se dizer que a perspectiva é produto da Vontade de Verdade.

À medida que emergem novos discursos e os valores se modificam, diferentes práticas surgem e os eixos da trama

social se reestruturam, dando forma a novos valores, novas formas de interpretar.

Segundo Foucault (1995), a produção dos enunciados não está associada a um sujeito consciente, que fala por si, mas à exterioridade que o constitui (o entrelaçamento das formas de ver/interpretar o mundo em relação às possibilidades de dizer, sendo conduzidas pelas condições históricas e sociais de uma época), à trama discursiva que o subjetiva (conjunto de perspectivas que constituem o sujeito, regulam suas práticas e seus dizeres). O campo do saber é, nesse sentido, o domínio em que o sujeito se situa, sendo dependente de sua dinâmica para que se subjetive, não sendo autônomo ou dono do seu próprio dizer.

Foucault e Nietzsche apresentam o modo como as formas de constituição da verdade delimitam as formas de produção das subjetividades. Ou seja, a relação entre sujeito e verdade instituída leva aos processos de subjetivação, em que os saberes que circulam em dado tempo e espaço passam a constituir a subjetividade, criando posições das quais o sujeito pode dizer e delimitando o que pode ser dito. De forma inversa, as verdades são produzidas de maneira estratégica pelas teias discursivas, ocultando os sujeitos que as produzem e

responsabilizando uma entidade metafísica pelo dizer, tornando imaculada a perspectiva.

Considerações finais

O uso de metonímias e de clíticos na produção de textos científicos, como o resumo de artigo científico analisado, constitui um estilo que apaga o falante enquanto indivíduo, em função de legitimar a objetividade e cientificidade do dizer, objetivando sobrepor, conseqüentemente, a subjetividade de quem diz, atribuindo a uma entidade maior (a perspectiva teórico-epistemológica) a autoria do enunciado. Esse processo decorre do estilo associado ao próprio gênero textual, às suas regras interacionais e às características da comunicação potencial, à qual está associado.

Pensa-se, aqui, que o termo “verdade” deve ser tratado como um aglomerado de regularidades fundamentadas em relações de forças, baseadas na articulação entre saber e poder, possibilitando um conjunto de perspectivas e modos de dizer que buscam intensificar-se em potência, determinam o que é aceito, normalizado, e o que é rejeitado, visto como anormal. Segundo Nascimento (1998), os valores

morais, para Nietzsche, são o resultado da busca por uma verdade fim, sendo vista como um “obstáculo contra a afirmação incondicional da vida” (NASCIMENTO, p. 35, 1998). Essa verdade fim, enquanto pensamento, reflete uma forma metafísica de interpretar o mundo por meio da atribuição de sentidos e finalidades, em que se desenvolvem dicotomias como “bem e mal” e “certo e errado”, produzindo sentimentos morais (como a culpa e o ressentimento). Nascimento (1998, 39-40) afirma que a moral seria, portanto, uma forma de preservar o valor de um sentido teleológico⁴ por meio de ações práticas (como a produção de textos científicos que validam uma perspectiva epistemológica específica). O pensamento, caracterizado como Vontade de Verdade (que se pretende absoluta), estando subordinado à busca por finalidades, elabora regras, normas, práticas que permitam alcançar um fim específico. Portanto, de acordo com Nascimento (Ibid), a moral se torna o próprio modo de pensar e é estritamente metafísica, na medida em que se associa ao teleológico.

Por isso, assume-se que, vê-se a partir do lugar que lhe é próprio, mas não se é uma ilha isolada no oceano, o imaginário e o

organizando-os em razão de uma finalidade específica.

⁴ Doutrina que evidencia um objetivo último que guie os seres e a natureza, transformando-os e

discurso não se constituem na solidão da palavra ou da psique, mas na interação com o outro, dentro de um ecossistema que é holístico, envolve o todo e é formado pela complexidade de redes que se sobrepõem e se interpelam. A alteridade é, portanto, o combustível da interação.

De qualquer modo, na perspectiva da Ecolinguística, como afirma Couto (2007), toda comunicação é interação,

inclusive em textos aparentemente monológicos. Afinal, eles são produzidos por um escritor que não os produz para guardar na gaveta, mas tendo em vista um potencial leitor. Mais especificamente, de acordo com Couto (2016), para a Ecolinguística praticada no Brasil, a língua é vista como o conjunto das interações verbais que se dão no interior do ecossistema linguístico.

Referências

ARISTÓTELES. **Metafísica**. 2. Ed. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal – 1953/79**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CELANI, M. A. A. **Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. Linguagem e Ensino**. V. 8, n. 1. Pelotas/ RS: 2004. p. 101-122.

COUTO, H. H. **Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente**. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. Onomasiologia e semasiologia revisitadas pela Ecolinguística. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, vol. 20, nº 2, p. 183-210, jul./dez. 2012.

_____. Linguística Ecolinguística. In: COUTO, H. H. et al. (Org.). **O Paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos**. Goiânia: Editora UFG, 2016.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1995.

_____. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. (Col. Ditos e escritos, vol. II) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FUZER, C.; CABRAL, S.R.S. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em língua portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2014.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 4. ed. London: Routledge, 2014.

HAUGEN, E. Ecologia da linguagem. In: COUTO, E.N.; ARAÚJO, G.; ALBUQUERQUE, D. (org). **O Paradigma ecológico para as ciências da linguagem**: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos. Goiânia: Editora UFG, 2016.

ITAPARICA, A. L. M. Relativismo e circularidade: a vontade de potência como interpretação. **Cadernos Nietzsche**. n. 27, p 239-255, 2010.

LANKSHEAR, C; KNOBEL, M. A pesquisa como investigação sistemática. In: _____. **Pesquisa pedagógica**: do projeto à implementação. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 31-43.

LINGIS, A. A Vontade de Potência. **Educação e Realidade**. n. 28, v. 1, p 11-20, 2003.

MATIAS, A.F.; MOURA, A.C.C.; MAIA, J.V. A intertextualidade e a ironia no gênero charge. In: **PERcursos Linguísticos**, Espírito Santo, vol. 7, n. 15, 2017. P. 241-263.

MOREIRA, H; CALEFFE, L. G. **Metodologia científica para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NASCIMENTO, M. A. O Trágico, a moral, o fundamento. **Cadernos Nietzsche**. n. 4, p 35-50, 1998.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral**. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

_____. **A Gaia Ciência**. 1. ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Crepúsculo dos ídolos**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANDÍN ESTEBAN, M. P. **Pesquisa qualitativa em educação**: fundamentos e tradições. Porto Alegre: AMGH, 2010.